**A BICICLETA E A MOTO**

Mons. Elcy

U

ma reunião avaliativa, deu-se numa velha oficina, quase um depósito de carros velhos: lugar neutro, é claro! A pendenga girava em torno de quem era mais útil, seguro e instrumento de exercícios vitais; para melhoria de vida!

A moto trazia o sobrenome de Cross, Motocross, com muitos recursos para aguentar o tirão, nas pistas cheias de outeiros e depressões, capazes de assustar concorrentes mal preparados. Não lhe direi a marca, porque se caracterizaria como marketing e não desejo promover marca alguma. Era uma moto e pronto!

A bicicleta era robusta, capaz de assegurar, para quem a pedalasse, um mínimo esforço para uma eficiência maior; capaz de tornar-se um instrumento valioso na preparação física de quem a usasse. Nem dela direi a marca, pelo mesmo motivo acenado anteriormente!

O juiz da contenda era um velho carro, cheio de experiências; foi capaz de atravessar um século. Era um calhambeque (também, não vou dizer a marca) cheio de ferrugem, mas ainda andava rangendo a lataria.

Na primeira pergunta, do juiz, de quem mais valorizava a vida, deu um a zero em favor da bicicleta. Foram lembrados vários desastres com morte, provocados pela moto; se aconteceu, que a bicicleta perdesse um ciclista, foi por culpa de um atropelamento.

Na segunda pergunta, de quem mais poluía o ar e mais causava poluição sonora, se concretizou os dois a zero em favor da “Biz”! Nem foi necessário insistir, porque os motoqueiros abrem os silenciosos, para chamar atenção sobre si, pelo ruído que provocam e pela falta do condensador antipoluente, retirado.

Quanto ao preço, nem se fala...

O Juiz interrompeu o julgamento da contenda. Não era necessário mais nada para garantir, à bicicleta, a melhor promotora da vida, menos poluente e absolutamente silenciosa. O martelo foi batido pelo juiz calhambeque e o assunto foi encerrado.